

A DEFEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—DR. João Baptista Nunes da Silva

Editor—José Plácido d'Oliveira Ramos

ADMINISTRADORES:—Manoel Alves Correia
Joaquim Correia Dias

Redacção e Administração—Rua Antero de Quental, N.º 18

Assignatura

Continente e ilhas adjacentes, semestre... \$75
ano..... 1\$50
Africa e Brazil 3\$00

PROPRIEDADE DA EMPREZA

Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias
Garcia, N.º 132—Ovar

Anuncios

Primeira publicação, \$6 centavos a linha. Repetições
54 centavos. Permanentes, contracto especial. Os
srs. assuantes teem 25 p. c. de desconto.

Salvação publica

Angustioza como é, a situação financeira do estado portuguez longe está de não ter remedio e de a não vencerem a vontade e competência humanas.

E as finanças publicas não demandam como *ultima ratio* o milagre de qualquer Tourgot prodigio antes, até, com modestas posses são prezumivelmente remediáveis o seu descalabro e a sua crise.

O estado portuguez gasta o que não pode e o que não deve gastar e não recebe o que podia e legitimamente tinha direito a receber do paiz, e é d'ahi que provem a terrivel situação financeira a que chegámos e que se não tem procurado, nem ao de leve, remediar em anos sucessivos de leviana e inverossimil administração.

A guerra só episodicamente roçou por nós e os anos de competência ezaustinada que durou não os aproveitámos a consolidar e firmar o nosso logar para uma solida resistencia aos embaraços que nasciam com o termo do conflicto, vivia-se ao Deus dará e ao Deus dará se achou comodo ir vivendo; não nos preparámos para vencer na paz as dificuldades que surdiam das ruinas que fez e que provocou a guerra, assim, tinha-cou de chegar aonde se chegou.

O estado vive dos favores do Banco de Portugal por liberalidades copiozas de papel moeda e encerra os seus exercicios economicos com deficits de avultadissimo bojo, não pode eternizar, porem, a adopção d'esses dois termos de conservação, porque não são perduráveis nos seus efeitos, alem de um certo tempo e de uma certa medida, e assim, vivendo, tem de procurar n'outros termos de conservação a sua causa vital.

Gastar menos e cobrar mais—não tem outro, salvo se no sub-solo do Terreiro do Paço ha minas de Potosi escondidas; primeiramente, e acima de tudo, gastar menos, seguidamente, e em segundo logar, cobrar mais.

Eliminar funções gover-

nativas que a guerra por toda a parte fez nascer e que em Portugal nunca beneficios nenhuns prestaram á economia publica mas eliminar suprimindo a função e suprimindo o agente, como as Subsistencias, nos Transportes Maritimos etc.; reduzir despesas nos ministerios parasitarios do interior, da guerra, da marinha;—inezovelmente e a bem da salvação publica, primeiro que tudo.

Conjunctamente, remodelar a nossa legislação tributaria na contribuição industrial e na contribuição de suntuaria, creando o chamado imposto de rendimento jeral desde já, e desde já substituindo a antiga e monstruosa base de lançamento d'estes impostos pelas suas normas e pelos seus preceitos.

E' ao *income tax* (imposto de rendimento) que a Inglaterra deve aguentar-se de pé o seu poderoso edificio financeiro nas crises historicas que tem logrado vencer, crear entre nós esse imposto com disposições de jeneralidade absolutas, imposto obrigando a todos, completamente ás economias, aos côrtes operando fundo nos orçamentos dos ministerios improductivos.

Isto para já, isto sem as tradicionais demoras, tão do aprazimento das nossas *coteries* da governação publica; ulteriormente, completar a nossa legislação da contribuição predial pelas avaliações dos predios urbanos e rusticos, para á face das novas valorizações retirar d'essa riqueza publica a parte justa com que ela deve concorrer nas receitas do estado e das corporações administrativas.

Realizar esse programa financeiro não é tarefa superior a qualquer capacidade politica, reclama decisão e enerjia, prudencia e bom senso, não precisa de milagres e não depende de prodigios.

O estado não pode viver eternamente da emissão de notas do Banco de Portugal e, não pode, eternamente, satisfazer-se com orçamentos deficitarios—tem de pro-

curar outras fontes de vida e outros meios de ezistencia.

Antes de mais nada reduzir as suas despesas fabulozamente maiores que os seus rendimentos. Depois, e como isto só é insufficiente, ir encontrar no tributo os

meios de que carece para a sua utilidade social e politica se tornar uma realidade viva e promotora de progresso, de ordem e de riqueza.

Antonio Valente d'Almeida.

Prisões

Sob esta epigrafe, escrevemos no numero passado um artigo em que passavamos ao sr. administrador do concelho—Dr. Alberto Tavares—se tinha pedido para o sr. administrador do concelho—Dr. Alberto Tavares—se tinha pedido do nosso correligionario Manoel Alves Correia, e responsabilisavamo-lo pela prisão do nosso correligionario Joaquim Rodrigues; e extranhámos que o sr. administrador tendo-se encontrado, cara a cara, com os referidos politicos na estação d'Ovar, não efectuassee ele mesmo essas prisões, preferindo delegar o serviço nas autoridades do Porto. E terminavamos por convidar o sr. administrador a explicar-nos até onde iam as suas responsabilidades neste caso. Em resposta vem S. Ex.ª com uma carta no nosso collega a «Patria» de 8 do corrente, que passamos a resumir. Nela pretende o sr. administrador fazer um pouco de *historia* das prisões, satisfazendo-se em transcrever o seguinte documento que diz ter recebido do sr. inspector da Policia de investigação criminal do Porto:

Porto, 16 de Dezembro de 1919.

Ex.ª Sr. Administrador do Concelho de Ovar:

Estão aqui detidos como suspeitos implicados em acontecimentos politicos, Manuel Joaquim Rodrigues Baldaia viuvo, de 34 anos, farmacêutico, e Manuel Alves Correia, casado, empregado do commercio, e ambos residentes nessa vila, aquelle na rua José Falcão e este na rua de Santo Antonio ou Heliodoro Salgado n.º 18.

Rogo a v. ex.ª se digno informar-se at há conhecimentos de quaesquer factos de incriminação politica por eles praticados.

Saude e Fraternidade.

O inspector

Baptista da Silva.

Outros documentos possivelmente tão *esmagadores* como este, mas de muita maior gravidade, possui ainda o sr. administrador, cuja vista, por não poder dar-lhes publicidade, se limita a facultar apenas aos

nossos comuns amigos, vendendo-a a nós proprios.

Espera, ainda, o mesmo sr., que da leitura de taes documentos os nossos amigos tirarão a conclusão, não de que ele não tivesse tido interferencia em taes prisões, mas sim de que S. Ex.ª é um adversario leal e digno!!! E pretende que nós então, em face disso, lancemos para longe a arma *traicoeira* e *vil* com que tentamos agredir-lo (sic). Depois entra em considerações sobre combates em campo d'honra, e luyas manchadas de sangue, etc., etc. E acaba por afirmar que está sempre prompto a acudir á nossa chamada todas as vezes que o façamos em linguagem... mimosa e burilada!

Devemos levar ao conhecimento do sr. administrador que, não tendo pretensões literarias, desconhecemos tambem, certamente por sermos novos no jornalismo, o vocabulario e estylo que sóe empregar-se em taes casos. Por isso, nos dispensamos dessa praxe, e preferimos expôr as cousas como elas se nos antolham.

Antes de iniciarmos a resposta á carta de S. Ex.ª devemos, para prevenir futuros equívocos, deixar bem expresso o nosso pesar pelo modo como o sr. administrador—Dr. Alberto Tavares—confunde as incompatibilidades pessoas com os assumptos politicos. Ha entre eles uma incomensuravel distancia que será bom, para bem de ambos, ter bem esclarecida.

Por nossa banda declarámos que não que dissemos ao sr. administrador só vimos a autoridade; e só reparámos que dela era detentor quando S. Ex.ª nos chamou a atenção para isso. E para que se lembra S. Ex.ª de tal circunstancia? Para dar margem, publicando-a, a que qualquer miseravel explore com esta questão, querendo ver da nossa parte um esvurmar de mal contido odio, quando afinal tudo se resume no desejo de chegar á verdade que é um direito e um dever de quem terca lanças pela Justiça e Liberdade. Bem podia o sr. admi-

nistrador ter-se dispensado de tocar nesse ponto. Habitue-se S. Ex.ª, como nós, a só tratar na imprensa, que é, como muito bem diz, um campo d'honra, os assumptos politicos, deixando as questões pessoas para serem liquidadas doutra forma quando a dignidade o exija. Enquanto desempenhar funções publicas pode S. Ex.ª aqui ser atacado desassombradamente pelos seus erros, ou lealmente elogiado por ventura preste ao Paiz, por quem escreve estas linhas.

Agora ao caso das prisões. Seja-nos permitido para edificação do publico que levemos ao seu conhecimento os seguintes factos, que pedimos confrontem com a resposta do sr. administrador:—1.º quando os presos foram interrogados pela primeira vez no commissariado da Policia do Porto na madrugada de 16 de Dezembro, o agente que procedeu ao interrogatorio mostrou estar previamente inteirado da idoneidade de Manoel Joaquim, pois que ao declarar este o seu nome e naturalidade o referido agente antecipou-se a perguntar-lhe, *se era farmacêutico*;—2.º Constatou além disso nos corredores e salas do Aljube que essas prisões tinham sido ordenadas de Ovar;—3.º apesar do sr. administrador só ter tido conhecimento do ocorrido pelo officio do inspector da policia do Porto em 17 de Dezembro, soube-se na manhã de 16 nesta vila por pessoa que de perto privia com certos elementos officaes que haviam sido presos pela meia noite de 15 os nossos correligionarios, ficando incomunicaveis;—e por ultimo, 4.º—tendo sido enviado do Porto em data de 16 o officio de que se serve o sr. administrador, que na sua carta acusa recebido em 17, foi pelas quatro horas da tarde do mesmo dia 16 posto em liberdade o sr. Alves Correia, continuando detido o outro preso.

Em face disto perguntamos nós:—Como diabo se effectuaram no Porto tão importantes prisões, obrigando as autoridades a inquirir das de cá dos factos de incriminação politica porventura por eles praticados, e ao depois na mesma tarde e quando o officio não tinha ainda saído do Porto, o preso politico Alves Correia pôde ser posto em liberdade, dispensando-se assim as autoridades das sollicitadas informações a seu respeito, emquanto que o seu companheiro, cuja identidade era já conhecida no commissariado, não logrou igual sorte.

apesar de eguaes pedidos de velhos republicanos se terem feito a favor de um, e doutro?

E como pode interpretar-se que as autoridades do Porto pecam num officio informações sobre um cidadão que dizem detido quando ele afinal já estava em liberdade, como se vê ter-se dado com Alves Correia?

Que ideia formar de tudo isto?

Que o sr. administrador d'Ovar não foi conivente nas prisões? E' possível.

Que não partiu daqui qualquer indicação para a captura de Manoel Joaquim, que ao nosso espirito se affigura premeditada?

E' cedo para concluir. A verdade, a verdadeira luz sobre o caso deve estar ainda na gaveta onde o sr. administrador guarda o precioso *dosier*, terrivel livro branco que se conhecesse a luz da publicidade, talvez compromettesse a ordem e o socego da pacata familia vareira!... Não temos o menor empenho em incriminar o sr. administrador. Mas precisamos para nos convencermos da sua inculpabilidade, de documentos que provem e de afirmações com base. E S. Ex.^a ainda não afirmou nem provou que não tivesse partido d'Ovar a ordem para que essas prisões se effectuassem no Porto.

Somos nós que não podemos vêr?

Faça-se então mais luz sobre este ainda muito obscuro capitulo, para que a verdade surja nua e bela como a da estatua do Eca...

Até lá aguardemos. E agora advertimos o sr. administrador—Dr. Alberto Tavares—de que o autor deste artigo não é chefe politico de nenhum partido local, porquanto aquele a que pertence não o tem aqui, onde o substitue uma comissão dirigente da qual apenas faz parte, sendo sem duvida a sua mais apagada figura.

Nunes da Silva.

P. S.—Dão-se alviçar as a quem descobrir no nosso anterior artigo a arma *traçoira e vil* a que o sr. administrador se refere na sua carta. A traição e a vileza nunca estarão do nosso lado. Nunca!

N. S.

Errata

No artigo «Prisões», a linha 60, 1.^a columna, onde se lê «muita maior gravidade»; a linha 34, 3.^a columna, onde se lê «idoneidade», leia-se «identidade».

Folhetim

Ovar em 1758

vi

Barca de Passagem

A Capela de Santo Antonio com suas duas torres era muito elegante e magestosa. Tinha capela-mór e dum e outro lado do arco cruzeiro um altar, como ainda hoje. Havia aqui as irmandades de Santo Antonio que ainda vigora e a de S. José, o Nosso, ha muito extincta.

Capela de S. Thomé, muito antiga, fundação e pertença dos Condes da Feira que a mandaram construir antes da mudança da vila de Cabanões e demolida em 1844.

Capela de Nossa Senhora da Saúde, pertencente ao licenciado

PARNASO VAREIRO

Espera!

*Espera, leitora, não colhas!...
Podes f'rir as mãos mimosas,
Qu'entre todas estas folhas
Há mais espinhos que rosas!*

*E em vez d'ouvir teus risos
Não quero escutar teus ais,
Por isso te dou avisos
Dos p'rigos que há nos rostis.*

*Mas, oh mão de jaspea alvura,
Se gozas no padecer,
Cilicios tens na leitura
De meus versos—podes ler.*

Manuel M. Camarinha Abragão.

NOTA EXPLICATIVA

Como preito a todos os filhos da nossa terra que na suavidade de um verso souberam traduzir todo o sentimento das suas almas, resolvemos inserir neste nosso jornal, pelo menos, uma produção de cada um dos poetas vareiros.

Constituirá esta galeria o «Parnaso Vareiro»—e, para o abrir, permitam-nos todos que principiemos por um no-

me que, se, como cultor da arte divina de Camões e Quintal, é desconhecido por toda a vila, tem, no entanto, já ao reconhecimento eterno de todos os filhos de Ovar porque de todas as gerações que hoje aí vivem Ele foi o primeiro guia espiritual.

Pela nossa parte será esta uma homenagem humilde, mas sincera, ao Mestre querido e ao Amigo saudoso

Processos

E' sentença que já agora passará á posteridade levada pela tuba da fama—a fama que ao mundo apregôa e ensina os bons preceitos—que «o jornalismo é alevantado quando sereno, e aviltante quando desregrado.»

Pena é que quem tal apregôa não olhe para si mesmo, e dê, portanto, aso a que se lhe aplique aquella outra sentença não menos verdadeira:

«Olha para o que eu digo e não olhes para o que eu faço.»

Lá como cá

Do nosso prezado colega do Porto—«Jornal de Noticias»—recortamos com a devida vénia o seguinte:

«Dizem-nos ter sido criada uma Escola Primária Su-

Francisco Pinto Brandão.

Capela de Santa Apollonia, do Padre Manoel Tomaz Figueiras e a de S. Lourenço Martir, do Capitão-mór de ordenanças Manuel Ferreira de Amorim, ambas hoje desaparecidas para o culto, embora da ultima restem ainda de pé as paredes, a solida frontaria e algum vigamento mal abrigado.

Capela de S. Pedro, fronteira ao magestoso templo do Calvario. Estava ali instituida a Irmandade de Nossa Senhora do Terço. Foi demolida e com a pedra que deu, construiu-se a sacristia do lado nascente da capela do Calvario, já depois de 1758, em 1783 salvo erro. O altar desta capela é hoje o de S. João.

Capela de S. Miguel, no extremo sul do Bairro da Ruela.

Em S. Doado ou, como je então se notava diziam os antigos, S. Donato estava a capela noutro tempo chamada de S. Gol-

perior em Famacião. Creemos que assim seja por vermos no *Noticias* de ontem a nomeação do respectivo corpo docente.

Mas aquilo não será uma escola, antes será uma caserna de compadrio para anichar amigos, pois não vemos na maioria desse pessoal competencia para exercer o magisterio. De modo que damos os pésames ao nosso antigo companheiro de estudos em Coimbra e illustre titular da pasta da instrução pela desacertada escolha de professores para a supradita escola. O sr. dr. Joaquim de Oliveira foi com toda a certeza ludibriado na sua boa-fé por quem lhe propoz a nomeação de tal pessoal. E foi nisto que deu o republicanismo de certa gente que só tem sabido procurar viver á custa da mēsa do orçamento.»

Sem comentarios.

dofre e em 1758 de S. Salvador.

No Sobral existia a de S. Domingos; em S. João a desta invocação; logo abaixo, já na entrada da vila, á bórda do Caminho, em sitio ermo, entre espessas brenhas de pinhal, ficava a do Martir S. Sebastião e no extremo sul a vila, na Ribeira, a de Santa Catarina.

Lá muito abaixo, no sitio da Torreira que dista da igreja paroquial duas léguas, no areal extenso entre o mar e a Ria, erguia-se a capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso com seus tres altares: dos lados, á direita S. Paio ou Pelaio, objecto de grande devoção como advogado contra as maleitas; á esquerda o de S. Lázaro e ao centro o da Padroeira do templosinho.

Tres leguas mais ao sul dali demorava ainda a ultima capela da freguezia, a de Nossa Senhora das Areias, na mesma lingua de areia e Costa de S. Jacinto,

Flabio Ribeiro

Faleceu na madrugada de terça-feira este nosso correccionario e amigo, vitimado por uma septicemia tifica complicada de broncho-pneumonia. Mal diriamos nós ao tomarmos sobre os nossos hombros o pesado encargo de director deste jornal que na columna sempre negra, sempre triste dos falecimentos, em breve—logo no 5.^o numero—teriamos de inscrever no rol dos que a morte faz tombar, um dos rapazes mais conhecidos e mais queridos de toda a vila, um daqueles corações—hoje tão raros—com cuja amizade sincera e desinteressada podemos contar.

Soubemo-lo doente em Lisboa e muito esperançados seguimos a marcha ciclica da sua febre tifoide, confiados em que a sua construção de pequeno hercules a venceria! Eis que a complicação gravissima do seu tifo surge, e então numa extrema dilatação pupilar o doente lobrigamos, crente de que se até ele chegassemos o sofrimento se dissiparia, e a vida renasceria no corpo jacente—talvez porque no coração de um amigo verdadeiro toda a esperança pode existir, toda a ilusão pode viver.

Atendemo-lo, sómente para corresponder ao apêlo do amigo. Seja pois a nossa vinda considerada como o preito á estima verdadeira que o desventurado Flabio nos dedicava, primeiramente, e depois como o aplauso á indiscutivel assistencia medica que até então lhe prestaram os Ex.^{mos} Srs. Drs. Pereira do Amaral e Nestor Granja. Ignoramos se estamos para aqui a desrespeitar o código deontologico. Se assim fôr, á justiça que dita estas nossas palavras compensar-nos-ha do sobreenho dos puritanos.—Em plena floração da vida lá morreu o Flabio Ribeiro! Ainda hontem foi o rapaz de estuante mocidade, e já hoje era o cidadão pundunoroso, dum caracter de fina tempera, empenhando-se pelo honesto labor, em provar aos desiludidos... que nunca tiveram illusões, aos descrentes... que nunca tiveram crenças, e aos esfalfados... que nunca trabalharam, que tudo na vida tem a sua epoca.

As faltas se as teve, geraram virtudes, que não devemos esquecer! E ao lembrar-se a gente que tudo isso não ultrapassou os seus vinte e cinco anos, reconhecemos que

— orla extrema e limite sul da paróquia.

Deste templosinho fala o *Santuário Mariano* com verdade, no seu tomo 5.^o titulo 19. Era um templo bem traçado e singularmente parecido com o do Senhor das Barrocas da entã) vila de Aveiro, obra digna de ver-se, mas não a primitiva que ali houve. Frei Agostinho de Santa Maria diz no livro supra referido que um dia uns pescadores ao puxarem as rédes em frente da antiga ermida arrastaram dentro dela uma imagem, com grande espanto seu deles; e desde logo lhe chamaram S. Jacinto e a collocaram dentro da capelita. A veneração e culto de que desde esse dia começou a ser alvo, tomaram grande incremento com a ajuda dos milagres que operava, e as esmolas e ofertas que chorviam constantemente sobre o seu altar, deram margem a que ali lhe reedificassem templo mais

uma grande magua nos prende o espirito á memoria do infeliz moço!

A toda a sua familia apresenta a «Defeza» os mais sentidos pezames, e á Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Judith, desolada viuva, já que para a sua dor ingente não temos palavras de resignação, esperamos que lhe inspire o filhito idolatrado através das lagrimas que a lembrança do Pai amoroso e bom lhe fizer verter.

Xadrez

Debaixo de uma chuva incessante que, batida pela ventania, fustigava, sibilando, as vidraças e os telhados, os ramos nus do arvoredado e as lages frias dos passeios, como alguém que, desfeito em lágrimas, sentisse, ao extinguirse-lhe o sopro da vida, a alma torturada pelos remorsos, deixou nos enfim o ano de 1919.

E pela noite dentro, por esse país além, cada hora que passava, cada minuto que voava, era como que uma parcela de um peso enorme, esmagador, asfixiante, que ia rolando de sôbre os nossos hombros.

O ano fatidico ia deixar-nos; um tufão do esquecimento atiraria para a Eternidade com o fardo sufocante de tanta desventura!

Porem, caros leitores, nem com tanta água ficou lavada a casa; tudo continua na mesma, e o ano que agora principia parece vir a ser ainda muito pior do que o que há pouco expirou.

Na vida económica, que de dolorosas apreensões nos não confrangem a alma Anuncia-se em tudo, absolutamente em tudo, uma extraordinaria elevação de preços; prenúncios de greves... com todos os matores põem em sobresalto todo o país que só

vasto e mais formoso—que era o então existente, e teve esta origem, bem como o nome de S. Jacinto que ficou a designar a capelita de Nossa Senhora das Areias e a Costa onde assenta.

A posse desta capela pela freguezia de Ovar foi por algumas vezes motivo de litigio nos tribunaes onde a vila de Aveiro pretendia lhe reconhecessem o senhorio. Havia mais, porém, de 50 anos fóra a questão decidida a favor de Ovar. Nesse acordam do supremo Senado da Relação se reconheceu que os limites desta freguezia iam ainda muito mais além, até á barra velha de Mira, onde estava um marco de pedra com a palavra VAR a indicar-lhe o termo e como a dizer que até aí se estendiam os direitos do pároco, padroeiro e Senho e a jurisdicção das justicas de Ovar.

C. continuar-se-ha

M. Lirio.

com ordem pó le viver; a circulação fiduciaria avança para 400:000 contos!!!...

Na politica... bastaria só um facto para mostrar que o ano de 1920 sofre do mal hereditario do seu antecessor, ainda talvez agravado com o aperfeiçoamento.

Na recomposição ministerial entrou para a pasta das Finanças... o sr. Antonio Maria da Silva!

Abrenuntio!
O pior é que não lhe deixaram sequer aquecer o logar; que pena! Mandaram-nó embora quando tanto havia a esperar dos seus salvadores projectos.

Com um descalabro estupendo nas finanças, 100\$00 nossos a valerem no Brazil 97\$00, uma recomposição e uma demissão colectiva do governo... em 7 dias, que optimas entradas!...

?

Sempre zeladores

Sempre prontos a prestar aos municípes todos os beneficios, animados por um desejo cada vez maior de bem cumprir com o seu mandato, os dignos vereadores da n.ª ill.ª camara municipal não se poupam a esforços, nem a canceiras para transformarem a vila num verdadeiro paraizo, num outro eldorado em que a vida corra serena e feliz, o trabalho pareça menos árduo, as fadigas se transformem em suaves divertimentos, a felicidade e a alegria estuem em todos os peitos, bailem em todos os olhos.

Ainda ultimamente—e porque acima da beleza está a utilidade—por proposta de um dos illusterrimos e excelentissimos senhores vereadores, resolveu a dignissima camara por unanimidade (são sempre unânimes na sandice estes cavalheiros) transformar aquêlê jardim do largo Serpa Pinto, que é como quem diz do Chafariz do Neptuno, em terra lavradia, onde cresce já a herva com a mesma intensidade com que as asneiras pululam na cabeça de Suas Excelencias.

Depois que a certas criaturas se deu a confiança de tomarem assento nas cadeiras das sessões da camara, é o que se vê.

Dizia M.ª de Staël: «Nada mais oposto á vocação natural da mulher do que tudo o que lhe der relações de rivalidade com o homem».

Parodiando a illustre

escritora direi eu: «Nada mais oposto á vocação natural de um democratico do que tudo o que lhe der relações de rivalidade com gente de senso.»

Jorge d'Aguilar.

José Placido Ramos

Acaba de ser nomeado, por alvará de 15 de Dezembro findo, membro da «Comissão Permanente de Avaliação» do concelho de Ovar, o nosso amigo, correligionario e editor deste jornal José Placido de Oliveira Ramos.

Regosijamo-nos com a acertada escolha feita pelo sr. Director de Finanças deste districto, pois a verdade é que aquêlê nosso amigo além de republicano consciente e sincero, é um caracter impoluto—qualidades indispensaveis para bom desempenho de um cargo a dentro da Republica. E para desejar seria que cargos como este fossem sempre entregues a homens da tempera moral e politica daquelle nosso correligionario. As nossas felicitações.

JORGE D'AGUILAR

Parte amanhã para Coimbra este nosso amigo, a continuar a sua frequencia no terceiro ano da Faculdade de Dirêito da Universidade daquela cidade.

Laços de velha e sincera amizade nos prendem a Jorge d'Aguilar, que é uma intelligencia do mais fino quilate, e um caracter são.

Admiramo-lo pela nobreza dos seus sentimentos, e por certo, como nós, os nossos leitores, pela sua colaboração na «Defeza» em que a sua pena põe aqui, e ali, uma centelha de espirito, o fulgor de um comentário imprevisto sem a premeditação de ferir ou menospresar indivíduos, mas tão sempre empenhado em que as cousas d'Ovar sigam um rumo mais acertado... aparte as coisas lindas que ele com tanto mimo sabe escrever, e cuja inspiração lhe vem talvez das mulheres da sua terra!

Com um bom abraço de despedida, pedimos amiudadas noticias para... a «Defeza».



Mundana

Fizeram anos:

No dia 4 de Dezembro findo, o nosso amigo sr. Guilherme Lopes.

No dia 6 do corrente mês, a menina Laura, filhinha do nosso amigo, correligionario e administrador de «A Defeza», Joaquim Correia Dias.

No dia 8, a sr.ª D. Bela Gomes Pinto.

E ontem—10—o sr. José Ferreira Regalado e a menina Rosa, filha do sr. Francisco Duarte Pereira do Amaral.

A todos as nossas felicitações.

Partidas

Partiram para Lisboa:

No principio da semana finda os srs. Zefereu Camossa Ferraz d'Abreu, capitão de infantaria 2ª, que na capital vai completar o seu tirocinio para major, e Alvaro Valente de Almeida e Antonio Arala Pinto, distintos académicos.

—E no rápido de sexta-feira última a Ex.ª Sr.ª D. Angelina Nunes da Silva, acompanhada pelo seu irmão e nosso amigo, o intelligente académico Manoel Nunes da Silva.

—Retiraram para Coimbra e Porto quasi todos os nossos contrerrâneos que nas duas cidades completam os seus cursos a que, como noticiamos, haviam vindo passar com as suas familias as férias do Natal.

—Com destino á America do Norte partiu hoje de manhã para Lisboa o nosso amigo sr. Américo de Oliveira Melo, filho do sr. Antonio de Oliveira Melo, velho e dedicado republicano.

—Parte amanhã—12—para o Porto de onde seguirá para a cidade de Manáus, Republica dos Estados Unidos do Brazil, o sr. José Gomes Lirio, cunhado do editor d'este jornal.

A todos feliz viagem.

Chegadas

Encontra-se nesta vila o nosso amigo sr. Eduardo Augusto da Silva Gomes.

—Igualmente tem estado entre nós desde o dia primeiro do corrente mês, o nosso presadissimo amigo e director deste jornal, sr. Dr. João Baptista Nunes da Silva. Sua Excelencia tenciona regressar a Lisboa na quarta-feira—dia 14.

—Esteve nesta vila na quinta-feira última a inspecionaria da força da guarda republicana aqui aquartelada o Ex.º Major Mota, comandante da guarda republicana de Coimbra.

Doente

Encontra-se ligeiramente incomodada a Ex.ª Sr.ª D. Eduarda Sobreira, gentil filha do nosso amigo Dr. Antonio dos Santos Sobreira.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Baptizado

No dia 5 do corrente baptizou-se na Igreja Matriz desta vila uma filhinha do nosso amigo Augusto de Quadros Abragão e de Sua Ex.ª Espôsa D. Maria Alexandrina de Abreu, recebendo o nome de Maria Alexandrina. Foram padrinhos da neófita os tambem nossos amigos srs. Frederico Ernesto Camarinha Abragão e Antonio Augusto Abreu, respectivamente avós paterno e materno.

Noticiario

Recita

Em beneficio da Benemerita Associação dos Bombeiros Voluntários desta vila, como disse-mos no nosso último numero, efectuou-se na noite

do dia primeiro d'este mês a tradicional recita por um grupo de amadores, com a colaboração gentil de algumas jovens desta vila.

O teatro encheu-se por completo, e, dada a grande procura de bilhetes, encher-se-ia de igual modo, ainda mesmo que comportasse o dôbro dos espectadores.

E' na verdade para lastimar (diga-se á laia de parêntesis) que numa vila com 20:000 habitantes haja um teatro que não chega talvez a comportar nem 400 pessoas.

Está grande afluência mostra bem o reconhecimento do povo de Ovar para com aquêlê benemerita corporação, e a vontade que todos nós temos de que ela se mantenha e prospere.

Simplees amadores, alguns pisando o palco pela segunda ou terceira vez, todos os figurantes se houveram, no entanto, de modo a deixarem no público uma agradável impressão.

De resto, cremos bem que nenhum dos espectadores havia ido para o teatro com a pretensão de ver uns artistas consumados, um Ferreira da Silva ou um Chaby.

Para nós bastou-nos a vontade com que vimos aquêlê grupo de rapazes trabalhando para um fim que deve ser a aspiração de todos os filhos de Ovar—a prosperidade da Associação dos Bombeiros Voluntários. E para êles, amadores, como recompensa do seu trabalho, cremos deverão ter sido o bastante os sorrisos que dos lábios rosados e dos olhos de veludo lhes enviavam as jovens que, espalhadas pelo teatro como camelias desfeitas que do ceu tivessem caído em chuva, e ás quais não faltava nem o ave-ludado das pétalas, nem o perfume inebriante que das flores se evola, enchiam todo o salão com a frescura juvenil dos seus rostos lindos, e punham no ar festivo daquella noite o aroma estonteante de um «boutique» de cravos rubros como os seus lábios.

Os Santos Reis

Nos hábitos do povo das nossas aldeias—tão bom e tão humilde porque o veneno das cidades in-la o não atacou—há tradições que na sua simplicidade nos encantam e que seria pena perderem-se pelo que tem de característico.

Está no numero delas a dos Reizeiros—ranchos de rapazes ou raparigas que nas noites de 5 e 6 de Janeiro vão cantando e

tocando de porta em porta, e em troca de uma canção pedindo... qualquer coisa para o seu farnel.

No socêgo da noite em que toda a terra se recolhe num sono de misterio, ouvem-se ao longe o gemer de uma guitarra, o chorar magoado de um violino ou a resposta cava de um violão.

O luar põe decorações de prata na água dos rios que cantando vão as suas endeixas aos ramos das árvores debruçados para escutar melhor, e ás ervas humil-des, húmidas dos seus continuos beijos.

Uma voz forte e bem timbrada, numa saudação e num pedido, canta a solo:

Nesta noite de poesia de tão gratas recordações, cantamos com a alegria estas juvenis canções.

ao que, em coro, respondem todos os demais rapazes:

Como é tão linda a noite dos Reis sim, linda p'ra alma do trovador que ainda uma vez mais aqui ouvireis a cantar lindas canções d'amor.

Pela vida adiante, quando, homens já, no socêgo da noite em que toda a terra se recolhe num sono de misterio, sob o luar que na água dos rios põe lucilações de prata, ouvirmos da boca do nosso povo—poeta sempre inspirado—o tradicional canto dos reis, com uma saudade infinda recordaremos aquêlê doce tempo da nossa infancia em que de porta em porta iam cantando:

Santos Reis, Santos coroados Vinde ver quem vos coroou...

Incendio

Pela meia noite do dia 3 para o dia 4 do corrente mês de Janeiro manifestou-se, ignorando-se as causas, um violento incendio em um armazem, depósito de madeiras e lenha, sito na rua Padre Ferrer. Os bombeiros voluntários, que logo compareceram, procuraram localizar o incendio, evitando que êle se propagasse aos predios vizinhos, o que sem dúvida se daria dentro em pouco porque as rajadas fortissimas do vento que então soprava ateavam extraordinariamente o fogo e lançavam para longe as labaredas que tudo procuravam envolver.

E', pois, merecedora dos maiores elogios a benemerita corporação, bem como as praças do 3.º batalhão de infantaria 2ª pelos bons serviços prestados.

A Espanhola

ANGELO GONZALEZ Praça da Republica, 52

Camisolas de lã e algodão para senhora, homem e criança, sapatos de agasalho idem, piugas em lã e algodão, sortido completo em coroulas de algodão e lã, caixes-cols, veludos, perfumarias, lenços de bolso, guarda-soes, gravatas, meias para senhora e criança, colarinhos, bordados, toalhas, luvas, suspensorios, rendas, camisas, pernetes, sabonetes e altas novidades em bijouterias.

Indicações uteis

Azeites—Alfonso José Martins, José Rodrigues Figueiredo e José Malaquias.

Relojoarias—Antonio da Cunha Farraia e Augusto da Cunha Farraia.

Fazendas—João Alves Cerqueira, João da Silva Ferreira, Manoel Pepulim, Manoel da Silva Ferreira, Maria Graça Praça, Rosalina Muge.

Modas—Aurora Folha, Viuva Pinho, Manoel Penha, Angelo Gonzalez.

Tabacarias—Casa Peixoto, Havanesa Ovarense, Angelo Gonzalez.

Medicos—Dr. Alberto Tavares, dr. Domingos Lopes Fidalgo, dr. João Nunes da Silva, dr. João Maria Lopes, dr. João d'Oliveira Baptista, dr. José Duarte Pereira do Amaral, dr. Salviano Cunha.

Jornaes—“Ovarense”, director, Placido Augusto Veiga; “Patria”, director, Manoel Augusto Nunes Branco; “João Semana”, director, P.º Manoel Lirio; “A Defesa”, director, João Nunes da Silva.

Pastelarias—Celeste Gomes Pinto & Irmãs.—Casa Peixoto.

Bicicletas de aluguer e reparações—Manoel Lourenço Ferreira, Jacinto Ferreira, Guilherme de Matos.

Trens de aluguer—José Pinto Loureiro, Constantino Gomes de Pinho.

Barbearias—Hig-Life=Central=José Ferreira.

Sapatarias—Manoel Rosas e Candido Ferreira de Azevedo.

Fotografia—Ricardo Ribeiro & Filhos.

Farmacias—Augusto Lamy, Carlos Baptista, Carmindo Lamy, Delfim Lamy, Ernesto Lima, Manoel J. Rodrigues e Isaac Silveira.

Hospedarias—Casa Jeronimo Alves Ferreira (Filhos) Casa Simões.

Casa Tavares.
Exportadores de pescado—Joaquim Valente d'Almeida, Antonio Pinto Palavra e Manoel da Fonseca Soares.

Padarias:
“Ovarense”—“Fabrica”—União dos Industriais de Padarias L.º

Officina
— DE —
Calçado

MANOEL ROSAS

MAKINERS DA LIBERDADE
OVAR

E' esta a sapataria d'Ovar onde se faz o calçado mais perfeito. Sempre justo ao pé como uma luva, sem magoar, nem apertar. Trabalho só lido e bem acabado. Execução rápida; acabamento perfeito e seguro.



QUIOSQUE—TABACARIA

Praça da Republica

— OVAR —

Angelo Gonzalez

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor para calçado, bolsas de borracha para tabaco e muitos outros artigos.



COLEGIO OVARENSE—OVAR

Acaba esta acreditada casa de educação e ensino de criar uma secção infantil para crianças de 4 anos até aos 7. O preço da mensalidade é de 15000 reis. Ali se tratam com todo o amor e carinho as crianças a que se destina a secção.
No Colégio lecciona-se desde instrução primaria rudimentar até ao 7.º ano dos liceus. Admite alumnos em qualquer altura do ano.

Ourivesaria

E
RELOJOARIA

— DE —
José Placido d'Oliveira Ramos
Sucessor de PLACIDO O. RAMOS;

Oficina e especialidade em finissimos objectos d'ouro e um sortido completo em estojos de prata proprios para brindes

Compra ouro, prata e pedras preciosas

73—Rua Elias Garcia—75
OVAR

ARMAZEM DE CEREAS
— de —
Francisco Correia Dias

Ovar **R. CANDIDO REIS,**
End. telg.—C. Dias—OVAR

Deposito de arroz nacional e legumes.

TIP. OVARENSE

R. Elias Garcia—OVAR

N'esta casa executam-se todos os trabalhos graficos, por preços sem competencia, taes como: programas, prospectos, circulares, memorandums, envelopes, cartões de visita e de luto, postaes, participações, estatutos, diplomas, jornaes e livros.

Trabalhos primorosos e simples.
Impressões a cores, ouro, bronze.
Encadernação e douramento de livros

Atlantica

Companhia de Seguros

SOC'IDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00
Capital realizado (Escudos) 150.000\$000
Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sede: Loios, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)...	36.988\$03,5	Siniestros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 » ...	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 » ...	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$90
» de 1917 » ...	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito.
Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos.
Seguros agriculas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros maritimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourao | Directores
Jaime de Sousa | delegados

Agentes em todas as terras do paiz
Comissarios de avarias em todos os portes do mundo